
SEGREDOS E TRUQUES DA ESCRITA, UM DIÁLOGO ABERTO SOBRE A PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO CIENTÍFICO

SECRETS AND TRICKS OF WRITING: AN OPEN DIALOGUE
ON THE PRODUCTION OF SCIENTIFIC KNOWLEDGE

Daniel Coelho de Oliveira¹

<http://lattes.cnpq.br/7505866427960469>

Submetido em 30/09/2019

Aceito em 25/11/2019

Você leitor, certamente em algum momento da vida acadêmica já se deparou com isolamento, sentados sozinhos e olhando a tela do computador, escrevendo frase após frase e apagando logo em seguida. Se você já passou por esta situação não fique preocupada/o, de acordo com o sociólogo estadunidense Howard Becker, todos os escritores possuem dúvidas sobre o valor do seu texto. Muitos acadêmicos quando compartilham seus textos antes da publicação imaginam pessoas lendo e rindo. A exposição, em geral provoca medo e pânico e de alguma maneira paralisa a escrita.

O livro “Segredos e Truques da Pesquisa” não foi escrito pra ser um “Manual de introdução à redação”, Becker procurou discutir problemas específicos vivenciados durante a escrita de textos acadêmicos. Ele destaca que seus alunos e colegas de trabalho tinham grandes problemas para começar a escrever textos acadêmicos, em geral ficavam com medo de mostrar para os outros o que escreviam. Em resposta, a principal mensagem do livro seria: “*Os problemas que as pessoas têm ao escrever não derivam de alguma deficiência delas, de falta de dedicação, pouco talento.*” (BECKER, 2015, p.08) O autor alerta com isso que os problemas aparentemente de ordem pessoal, são na verdade de “organização social”. Ou seja, é necessário observar o ambiente que se encontra inserido, ele impõem barreiras principalmente para os estudantes, que receiam que o texto seja exposto e sejam ridicularizados.

O debate proposto por Becker (2015) não é



¹ Doutor em Ciências Sociais pelo CPDA/UFRJ. Professor do Departamento de Ciências Sociais da UNIMONTES. Professor Permanente do Mestrado em Sociedade, Ambiente e Território UNIMONTES/UFGM. E-mail: daniel.coelho@yahoo.com.br.

novo, de certa forma Mills (1972), já tinha tocado no tema, quando apontou que a distinção mais proveitosa da imaginação sociológica é a diferenciação entre “Perturbações pessoais” e “questões públicas” ligadas a estrutura social. Antes de Becker (2015), Mills (1972), já tinha proposto que para compreender as transformações no ambiente pessoal, se faz necessário olhar além deles e ter consciência da sua estrutura social. É importante ponderar que a análise de Mills (1972) não estava focada na escrita acadêmica, mas certamente ela é uma das dimensões da “imaginação sociológica”.

A argumentação exposta no livro é bem persuasiva ao destacar que a dificuldade de escrever é uma “virose” que em algum momento todos os estudantes e professores contraíram. *“Se os estudantes soubessem que os professores escrevem muitas frases péssimas, mas então reescrevem muitas frases péssimas, mas então reescrevem várias vezes, percebiam que duas frases ruins também podem ser corrigidas.”* (BECKER, 2005, p.09). Para um melhor detalhamento dos seus argumentos, a obra foi organizada em 10 capítulos, alguns mais extensos, outros com argumentação mais curta, mas todos eles apresentam instigantes reflexões sobre as condições sociais da escrita.

No primeiro capítulo, “Introdução à redação para estudantes de pós-graduação”, relata a experiência de Becker como professor “redação acadêmica” para alunos de pós-graduação em Sociologia da *Nothwestern University*. O autor se via como um legítimo “cara de pau”, porque mesmo como experiência em sala de aula, não fazia ideia de como trabalhar as questões ligadas a escrita acadêmica. Os alunos relataram para Becker que tinham medo de duas situações. Primeiro, temiam não conseguir organizar seus pensamentos, que escrever fosse ser uma confusão tão grande que ficariam doidos. Segundo, medo de escrever “errado”, de uma forma que os leitores iriam rir do texto.

O capítulo destaca a necessidade de “mudar as construções da voz passiva para voz ativa”, “juntar frases curtas” e “dividir frases longas” que levam o leitor a perder o sentido da argumentação. Na visão do autor, temos que tratar sugestões, cortes, reduções e construções de forma mais natural, o próprio Becker disse reescrever um texto entre oito e dez vezes antes de publicar. O autor fala da necessidade de substituir expressões redundantes, palavras rebuscadas e expressões bonitas. Em geral os autores tentam dar corpo e peso ao que escrevem utilizando um tom acadêmico, mesmo em detrimento do verdadeiro significado.

De acordo com Becker, muitos autores costumam usar expressões sem sentido para encobrir dois tipos de problemas: Tem a ver com “o agente”: quem faz as coisas que a frase afirma que foram feitas? *“Em diversas teorias sociológicas, as coisas simplesmente acontecem sem serem feitas por ninguém.”* (BECKER, 2015, p.29). Muitos escritores acadêmicos preferem usar a voz passiva e substantivos abstratos, em detrimento da escrita clara e objetiva. Um grande desafio apresentado pelo autor é o de convencer os alunos a “Não escrever de uma vez só” – *“O que fiz foi dar tarefas para que desistissem do método de escrever o texto de uma vez só”* (BECKER, 2015, p.33). A estratégia de escrever em etapas, se encontra diretamente ligada a superação do medo da leitura do próximo, porque a única versão que importar é a final.

No segundo capítulo, através da história de Rosana Hertz, sua ex-aluna, o autor demonstra que existe uma oposição entre o “jeito mais curto e claro” versus “jeito de mais classe”. Becker aborda a equivocada visão que algumas pessoas mais legitimadas para escrever do que outras. Em geral a escrita difícil, rebuscada e de difícil compreensão ganha mais “credibilidade”, passam a sensação de serem mais intelectuais. A tentativa da maioria dos autores de escrever “com classe” é uma forma de criar uma “persona”, ou seja, incorporar alguém que transmita autoridade dentro de um determinado campo acadêmico.

Já no terceiro capítulo, denominado “A única maneira certa”, Becker (2015) destaca que no espaço universitário existem resistências de estudantes e professores em expor seus textos para avaliação. A resistência é causada por dois motivos principais. Em primeiro lugar, aprendemos que alguém realmente inteligente faz o trabalho de uma vez, da melhor maneira que é possível, numa só tacada. O segundo, as instituições acadêmicas constroem hierarquias entre estudantes e professores, os primeiros da base da pirâmide, os últimos no topo, em posição de autoridade. De modo geral os alunos ficam calados, nervosos e encabulados quando o professor ou orientador de teses e dissertações diz que “tem algo errado”, é preciso “modificar” ou “reescrever”. Essa reação tem relação a falsa premissa que existe “uma resposta certa”, “uma melhor maneira” de fazer as coisas.

No quarto capítulo, denominado de “Editando de ouvido”, o autor destaca que os manuais de regras para textos acadêmicos podem auxiliar na construção, mas não são as principais ferramentas para escrever um texto inteligível. A melhor arma para o desenvolvimento da escrita é a “criatividade”, como destaca o autor: “*Ninguém faz nada de criativo seguindo regras (embora as regras sejam necessárias)*” (BECKER, 2015, p.101). Um suma, a “boa escrita” pode ser alcançada com criatividade e com exercício de reescrever palavra por palavra, frase por frase, até que o texto esteja claro e compreensível.

No capítulo cinco, “Aprendendo a escrever como profissional”, o autor demonstra que a maior parte dos problemas de redação vivenciados pelos estudantes, começam nas escolas e aprofundado no ambiente universitário. Em decorrência da sua prática de ensino, Becker (2015) se convenceu que “casos” e “bons exemplos” ajudam a elucidar ideias e aprofundar as teorias. Becker sempre começa seus relatórios de pesquisa escolhendo entre as anotações alguns casos e episódios singulares, que são de alguma maneira representativos de toda pesquisa. O principal enfatizado pelo autor no capítulo: “*ninguém aprende a escrever de repente. Pelo contrário, essa aprendizagem prossegue durante toda a vida profissional e decorre de um leque de experiências trazidas pela academia.*” (BECKER, 2015, p.129) Em outras palavras, aprendemos a escrever baseado em tudo que vemos no mundo ao nosso redor, nas oportunidades que ele oferece, mas também naquilo que ele impõe.

No sexto capítulo, denominado de “Riscos”, foi escrito por Pamela Richards, professora da Universidade da Flórida. O texto aborda os possíveis riscos de publicizar um texto, tendo em vista a posição de vulnerabilidade diante do julgamento de avaliadores externos. Em cenários de intensa competição acadêmica, desqualificar a escrita do outro ao classificá-la como “mal construída” ou “mal feita” faz parte do ritual onde os “mais experientes” são “obrigados” a serem profundamente críticos. O capítulo se encerra com a defesa da exposição pública dos textos, única via para construir e melhorar a redação acadêmica. Com isso, a produção textual não seria um caso de tudo ou nada, quando colocamos algo por escrito, estamos sujeitos a ganhar um pouco e a perder outro tanto, mas esse é o único caminho para construção da ciência.

“Soltando o texto”, esse é o título do sétimo capítulo. Nesta parte do livro o autor pretende discutir o dilema entre aprimorar e finalizar trabalhos acadêmicos. O autor defende que é necessário equilibrar a relação entre “divulgar” ou “esperar um pouco mais” para tornar pública as ideias expostas no texto. Becker (2015), aponta que os possíveis problemas entre qualidade e tempo no desenvolvimento do texto precisam ser observados a partir do que ele denomina de “organização social”.

No oitavo capítulo, intitulado “Apavorado com a bibliografia”, o autor aborda o temor

dos estudantes em lidar com referenciais teóricos que norteiam as suas pesquisas. Becker alerta que os escritos no ambiente universitário nunca começam de um “marco zero”, eles de alguma maneira se pautam no conhecimento acumulado anteriormente. Nesta perspectiva é importante destacar que os pesquisadores não fazem revolução científica sozinhos, qualquer revolução leva muito tempo e conta com um grande número de pessoas que trabalham juntas num caminho permeado por conflitos e consensos. Tal visão faz Becker se aproximar de Latour (2000), quando o mesmo destaca: “*A construção do fato [científico] é algo tão coletivo que uma pessoa sozinha só constrói sonhos, alegações e sentimentos, mas não fatos.*” (LATOUR, 2000, p.70). Dentro do processo de publicação dos resultados de uma pesquisa científico é preciso dar crédito a todos que contribuíram para “finalizar” o fato científico.

No processo de construção do fato científico, a maioria das pessoas acredita que os artigos científicos são todos iguais, com mesmo potencial de alcançar seus leitores. Bruno Latour nos adverte que: “*Não, a maioria dos artigos nunca é lida por ninguém. Seja lá o que um artigo tenha feito com a literatura anterior, se ninguém fizer nada com ele, é como se nunca tivesse existido.*” (LATOUR, 2000, p.70). No caso do Brasil, a disputa das revistas acadêmicas por melhores qualis: A1, A2, A3, B1, B2 assim por diante, de alguma maneira é uma tentativa de alcançar prestígio dentro de um campo científico específico e visibilidade através de maiores fatores de impacto.

Em “Usando o computador para escrever”, título do penúltimo capítulo, Becker as diversas possibilidades de utilizar essas máquinas para revolucionar a escrita acadêmica. Tendo como base o debate entre o trabalho braçal e intelectual, o autor destaca que o ato de escrever envolve várias facetas do sujeito, além da instância mental, o texto de alguma maneira apresenta a trajetória de produção intelectual do autor. Ao final, são colocados uma série de argumentos em relação às potencialidades e limites do uso de ferramentas computacionais para pesquisa científica. As praticidades estão relacionadas principalmente com a possibilidade de vencer o desgaste físico de reescrever, organizar notas, citações e outros tipos de referências.

No último capítulo, o autor apresenta “Uma palavra final”, a narrativa procura enfatizar soluções para todas as dificuldades da escrita acadêmica, a ideia foi compartilhar seu histórico com erros e acertos sobre o tema e indicar possíveis caminhos para aprimorar a escrita. Como se trata de dicas, elas devem ser adaptas as distintas realidades vivenciadas pelos leitores. O capítulo também defende a escrita como “atividade organizacional”, tem relação direta com oportunidades e constrangimentos apresentados pela organização na qual o acadêmico faz parte.

CONCLUSÕES E CRÍTICAS

O trabalho de Becker (2015) é fruto de longa experiência acadêmica e a vivência de tensões e dilemas que envolvem diretamente “o ato de escrever”. O ambiente universitário analisado Becker foi os Estados Unidos, talvez muitas das questões apresentadas pelo autor não se aplique a realidade brasileira. As especificidades das nossas salas de aula precisariam ser descritas através de uma auto avaliação de nossa prática. Em um primeiro momento exigiria principalmente de nós professores, um ato de coragem, atitude de falar abertamente das dificuldades que nos deparamos no cotidiano em relação a escrita acadêmica.

Vou utilizar o pensador francês Bruno Latour para apresentar uma crítica a obra de Bec-

ker. Talvez tenha faltado no texto de Becker aprofundar os aspectos externos na produção da escrita acadêmica, com fez Latour (2000). “*A diferença entre literatura técnica e não-técnica não está em uma delas tratar de fatos e outra, de ficção, mas está em que a última arregimenta poucos recursos e a primeira muitos, incluindo os distantes no tempo e no espaço.*” (LATOUR, 2000, p.59). Faltou a Becker analisar as especificidades da publicação do “fato científico”.

É possível dizer que a obra é herdeira da tradição sociológica de Mills (2015), que encarava o processo de produção do conhecimento sociológico como um verdadeiro “artesanato intelectual”. A maior virtude da obra de Becker, talvez seja o fato dela ser útil e recomendável para todas as áreas do conhecimento científico, dificuldades na escrita acadêmica são observados em todas as áreas da ciência. Outra importante conclusão é a de que problemas de pesquisa complexos não exigem uma escrita complexa, a comunicação científica não precisa ser rebuscada e prolixa, mas somente concisa e clara.

REFERÊNCIAS

- HOWARD, Becker. **Segredos e Truques da Pesquisa: para começar e terminar teses, livros e artigos**. Rio de Janeiro: Zahar, 2015.
- LATOUR, Bruno. **Ciência em ação: como seguir cientistas e engenheiros sociedade afora**. São Paulo: Editora UNESP, 2010.
- MILLS, Charles Wright. **A Imaginação sociológica**. 2. Ed. Zahar Editores, 1972.